

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

dela própria, um compromisso de ser e de não-ser, um comprometimento da transcendência na facticidade; se enfim a minha condição fundamental (essa, implícita ou explícita, de toda a «realidade humana») é uma condição bastarda, é porque eu não sou uma consciência pura, ligada a um corpo que não fosse mais do que um corpo: mas eu sou *corpo* na minha própria consciência, *enquanto consciência*. O verbo é *carne*: quanto mais quer negar essa contingência que ele é tanto mais se condena a flutuar vamente ao de cima do mundo, enquanto o curso do mundo se apodera dele por baixo e o arrasta — durante a sua «ausência». É exactamente a atitude da Distracção: a consciência abstraiu-se do mundo, operou uma secessão, tenta distrair-se, no Abstracto, no Absoluto, da sua própria contingência¹. O primeiro efeito desta atitude já nós o encontramos: é a transformação mágica do mundo em permanente e total ameaça para uma liberdade dividida entre o desejo de ser (a fim de assegurar-se da sua não contingência) e a obsessão de ser (ou seja, de se perder no adormecimento e anonimato da Vida que se deixa viver).

O que simboliza o Viscoso é no fim de contas a complicidade consigo, o comprazimento consigo da consciência. Liberdade encarnada, consciência-corpo, não-ser forçado a ser a sua própria contingência, eu sou conjuntamente, em referência ao ser contingente, um *sim* e um *não*: tenho necessidade dele para me sentir ser, e se me reduzisse a não ser senão ele, aniquilar-me-ia enquanto *eu*.

¹ O mais notável exemplo de *má fé* que nos é dado em *L'Être et le Néant* é o de uma rapariga que durante a primeira entrevista deixa que o interlocutor lhe pegue na mão. Saboreia ela a «perturbação» do caso, mas ao mesmo tempo não quer que a perturbação represente um compromisso perante o outro. «Trata-se de fazer recuar para o mais longe possível o instante da decisão. Sabemos bem o que acontece então: a rapariga abandona a mão, mas não se apercebe de que a abandona. E não se apercebe porque se dá o caso de nesse momento ela ser só espírito. Arrasta o interlocutor às regiões mais elevadas da especulação sentimental, fala da vida, da sua vida, mostra-se sob este aspecto essencial: uma pessoa, uma consciência. E durante esse tempo realiza-se o divórcio do corpo e da alma; a mão repousa inerte entre as mãos quentes do companheiro: nem consentindo, nem resistindo — como uma coisa.» Vemos aqui como a transcendência é expressamente cúmplice da facticidade; e o mesmo se não poderá decerto dizer da consciência, da qual, *mau grado seu*, o mundo se apodera. Necessário, porém, é igualmente ver que não haveria nunca expressas complicidades, se a consciência não fosse fundamentalmente — ontologicamente — *cúmplice* (enquanto transcendência) de si própria (enquanto facticidade).

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

Concretamente, o ser contingente é a Carne e é a Vida-que-passa, o sonambulismo do comportamento social: o Desejo, adesão à carne, e o Conformismo, adesão ao torpor colectivo, serão assim, para o Bastardo, os dois comprometimentos essenciais.

O desejo compromete-me; sou cúmplice do meu desejo. Ou antes, o desejo é, todo ele, queda na complicitade com o corpo... No desejo sexual a consciência é como se estivesse empastada... Dizemos que ele nos toma, que nos submerge, que nos trespassa... O desejo é consentimento com o desejo. A consciência oprimida e desfalecida cai numa languidez como a do sono... O homem tomado de desejo torna-se de uma pesada tranquilidade que espanta; os olhos fixam-se e parecem semicerrados, os gestos marcam-se de uma suavidade pesada e pastosa... O desejo não é apenas desejo do corpo de outrem: na unidade do mesmo acto, é o projecto [implícito]... de se enleiar no corpo; assim, o último grau do desejo poderá ser o desmaio como último grau de consentimento no corpo... *Apetite* para o corpo de outrem, [o desejo] é vivido como *vertigem* do Para-si diante do seu próprio corpo; e o ser que deseja é a consciência fazendo-se corpo.

Mas a minha encarnação escapar-me-ia no preciso momento em que pretendesse ser tomado por ela, se o Outro que eu desejo se não fizesse carne comigo. Aqui aparece a verdadeira posse: uma «dupla encarnação recíproca». Correlativamente o desejo constitui um mundo do desejo (os contactos tornam-se carícias, há, «como uma carne dos objectos»); empastamento de uma consciência pela sua facticidade, é ao mesmo tempo «enleamento de um corpo pelo mundo»: a consciência enreda-se num corpo que se enreda no mundo. O projecto do desejo, finalmente, é a «perturbação»; o que se visa é «sentir o corpo expandir-se... até à náusea». E teremos sem dúvida abrangido todo este complexo obsessivo, quando acrescentarmos que o Viscoso se assinala precisamente segundo todas as características que já lhe conhecemos — como «uma actividade (de aspiração) mole, babosa e feminina». «O viscoso é a vingança do Em-si. Vingança adocicada e feminina...» A obsessão do Bastardo é que o mundo se não abre e não o possui, seduzindo-o a possuir. Mas é que precisamente ele procura *possuir-se* a si próprio e é assim em si próprio, antes de mais, que ele corre o risco de *ser possuído*. A abertura do mundo de modo algum o fascinava, se ela não reproduzisse esse «sim» escancarado que é ele próprio e que sempre está